

PRAÇA DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 1º, Ítem XVIII
Formada pela praça 5 do Conjunto Habitacional Lech

Walesa (Dic IV.)

Situada entre as ruas Bárbara Heliadora, Maria Dolores e 17.

Conjunto Habitacional Lech Walesa

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Jacó Bittar. Projeto de lei nº 141/91. Processo CM 56.195/91.

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Dinah Ribeiro Silveira de Queiroz nasceu em São Paulo em 09-novembro-1911 aí falecendo em 27-novembro-1982, sendo enterrada no Rio de Janeiro. Casou-se em primeiras núpcias com o desembargador Narcélio de Queiroz, em 1929, com quem teve dois filhos. Posteriormente, casou-se com o diplomata Dario de Castro Alves, embaixador do Brasil em Portugal. Era autodidata de psicologia, psiquiatria e criminologia. Teve um estilo fácil e de grandes recursos. Seu primeiro trabalho foi publicado em 1938, o conto "O Pecado". Dinah foi cronista de rádio, jornal e revista, romancista, mas foi como contista que ganhou seus maiores prêmios: "Machado de Assis", "Afonso Arinos", "Latino Americano" e outros. Foi a segunda mulher a ter ingresso na Academia Brasileira de Letras. Seu romance histórico "A Muralha" foi adaptado para o rádio, televisão e cinema, como também "Floradas na Serra" foi para a televisão. Teve mais de 30 títulos publicados, destacando-se "Sereias Verdes", "As Aventuras do Homem Vegetal", "Margarida La Rocque".

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

PROCESSO Nº 141/91
P. L.

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ANGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa sudoeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLONIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua 17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com início na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua 17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua 1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelo contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5 formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua 49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com início na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

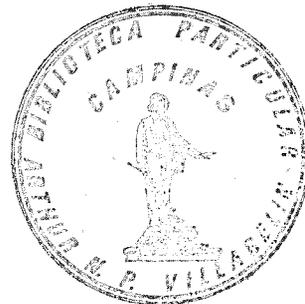
IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas João Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal



Uma escritora pioneira e distante dos modismos

"Não se pode negar o papel pioneiro que desempenhou a romancista, ao lado de outras, entre as quais sua companheira de Academia, Rachel de Queiroz, numa época em que, não obstante a revolução encetada pelos modernistas — 20 anos antes —, perdurava ainda entre nós a idéia da literatura associada ao beletismo, especialmente a praticada por mulheres." Ao escrever sobre Dinah Silveira de Queiroz por ocasião de sua posse na Academia Brasileira de Letras, em abril de 1981, o crítico Nilo Scalzo lembrava também que a escritora, durante toda sua vida, realizou "uma obra literária sem preocupações com modismo, mas buscando ao tempo condicioná-lo a certas circunstâncias ou momentos, como o provam suas incursões pelos domínios da ficção científica como o livro 'Eles Herdarão a Terra', bem como as inovações técnicas tentadas, ao jeito do *nouveau roman*, em 'Verão dos Infiéis'".

A vocação literária de Dinah foi descoberta quase por acaso. Seu primeiro marido, o advogado Naércio de Queiroz, sem dar muita importância às reclamações da mulher por já ter lido todos os livros da biblioteca, perguntou: "Então, por que você não escreve?" E foi o que fez. "Floradas na Serra" foi seu primeiro romance, lançado em 1939 pela José Olympio. O interesse pela obra foi tanto na ocasião que obrigou a editora a programar sucessivas reedições. Desse livro saíram trechos que hoje figuram em diversas antologias e também o roteiro para o filme de mesmo nome produzido em 1955, com direção de Luciano Salce e Cacilda Becker no papel principal. Dois anos depois Dinah voltou a editar, desta vez o livro de contos "Sereia Verde". E um dos contos, "Pecado", foi traduzido para o inglês por Helen Cadwell, recebendo o prêmio de melhor conto latino-americano, escolhido entre 150 trabalhos de ficção.

Dinah só vai reaparecer em 1949 com "Margarida La Rocque", seu segundo romance, gênero onde ela melhor define sua personalidade criativa e emotiva, segundo os críticos. O livro continuou sua carreira, já no Exterior, traduzido para o francês com o título *Lille Aux Demons* — inclusive recebendo elogios da escritora Colette — e para o espanhol, com o título *El Juicio de Dios*. Em 1954, Dinah publicou o épico "A Muralha", onde traça um fiel perfil de São Paulo na época dos bandeirantes, trazendo para a ficção as histórias de seus descendentes, como a mãe Cândida — personagem vivida em uma adaptação para a televisão por Fernanda Montenegro —, Cristina, suas avós e mais o patriarca Carlos Peixoto da Silveira.

"O Oitavo Dia", editado em 1956, é a primeira experiência da escritora no teatro. O texto é a paródia de uma peça bíblica. Um ano depois volta com uma coletânea de contos, "As Noites do Morro do Encanto", que recebeu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira

de Letras. E, três anos mais tarde, Dinah publica sua primeira experiência na ficção científica, "Eles herdarão a Terra".

Ainda na década de 60, surge "Os Invasores", romance com que comemorou o IV Centenário da Fundação do Rio de Janeiro, falando sobre a invasão comandada por Jean François du Clerc ao Rio nos tempos coloniais. Em 1968 lança o romance "Verão dos Infiéis" e, logo depois, volta-se para o público infantil, escrevendo "A Princesa dos Escravos" e "O Príncipe Gato". Na década de 70, mais dois livros de Dinah surgem, com o título geral de "Memorial", sobre a vida de Cristo: "Eu Venho" (1974) e "Eu, Jesus", (1977). No final do ano passado fez o lançamento simultâneo em Portugal e no Brasil do romance "Guida, Caríssima Guida", pela José Olympio, e que na versão portuguesa recebeu o título "O Desfrute".

Editada em mais de dez países, com 24 títulos publicados, Dinah Silveira de Queiroz costumava dizer que, se os contos e as crônicas que escreveu a partir da década de 40 fossem compilados, sua produção ultrapassaria os 200 volumes. Mas sem dúvida foram os então 40 anos de atividades literárias e a qualidade de sua obra que a fizeram derrotar o ex-ministro da Educação do Estado Novo, Gustavo Capanema, nas eleições para a Academia Brasileira de Letras, em 1980. Por 23 votos a 15, Dinah se tornou a segunda mulher a entrar para a instituição. A primeira, eleita em 1978, foi sua prima Rachel de Queiroz, quebrando um costume da Academia que nunca aceitou a inclusão de mulheres entre os imortais. Mas antes de seu ingresso, Dinah havia tentado duas vezes. Na primeira, em 1970, sua inscrição foi recusada devido à tradição da ABL de não aceitar o ingresso de mulheres. Na segunda, em 1979, foi derrotada pelo jurista Pontes de Miranda, o mesmo escritor que viria a suceder.

Descendente de uma família tradicional paulista, cujo patriarca foi o bandeirante Carlos Peixoto da Silveira, senhor das primeiras terras de São Paulo, Dinah teve uma infância marcada pelo cuidado da família, receosa de que ficasse doente, porque sua mãe e sua avó morreram de tuberculose. Casou-se com o embaixador brasileiro em Portugal, Dário Castro Alves quando ela exercia a função de adida cultural em Madri e ele trabalhava na embaixada brasileira na União Soviética. Como embaixatriz em Portugal, Dinah procurou incentivar o intercâmbio cultural entre os dois países e se tornou membro da Academia de Ciências de Lisboa. Apesar disso, nunca se desviou do trabalho literário e jornalístico. Diariamente encaminhava crônicas a dois programas cariocas de rádio e a 14 jornais do Brasil, atingindo desde *A Notícia*, de Manaus, até o *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Gostava de enfatizar que só pararia de escrever quando morresse.



"O ESTADO DE SÃO PAULO" DE 27-11-1982

A morte em São Paulo da escritora e acadêmica Dinah Silveira de Queiroz

A escritora Dinah Silveira de Queiroz, a segunda mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a cadeira de número sete, morreu às 5h40 de ontem, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, em decorrência de um colapso toxi-infeccioso. O corpo da escritora — que foi embalsamado e vestido com o fardão da Academia — teve um rápido velório no próprio hospital. E às 16 horas de ontem seguiu para o Rio de Janeiro, onde será sepultado hoje, às 10 horas, no mausoléu da ABL, no cemitério de São João Baptista. Até a hora do sepultamento, e como ocorre sempre que morre um acadêmico, o corpo foi velado no Petit Trianon.

O marido da escritora, embaixador do Brasil em Portugal Dário Moreira Castro Alves, informou que Dinah chegou a ser operada no Brasil em dezembro passado, retornando a Portugal. Depois da operação, Dinah passou a viver em estado razoável de saúde, não deixando de cumprir seus compromissos de embaixatriz até setembro deste ano, quando novamente sua doença voltou a agravar-se, obrigando-a a retornar a São Paulo. Novas intervenções foram tentadas, mas seu organismo foi-se debilitando, até o final, ontem.

O embaixador Castro Alves disse ainda que, apesar da doença, Dinah trabalhou até sua última semana de vida, elaborando duas crônicas a serem publicadas em 12 jornais brasileiros.

—Para ela — afirmou Castro Alves — o trabalho vinha sempre em primeiro lugar e por isso dedicou 41 anos de sua vida à literatura e ao jornalismo.

A jornalista Helena Silveira, irmã da escritora, presente ontem ao velório do hospital, lembrou que "Dinah era, antes de mais nada, uma grande escritora e uma grande brasileira. Casada com o embaixador Castro Alves, ela levou a cultura brasileira para todo o mundo. Em Lisboa, organizou a área cultural da embaixada, onde todos os artistas brasileiros, de qualquer área, eram recebidos com carinho.

Helena ressaltou que, apesar de sua serenidade e doçura, "Dinah foi uma guerreira. Seu corpo será sepultado no Rio, mas o coração ficou em São Paulo, principalmente com o romance 'A Muralha', uma epopéia dos Bandeirantes".

A amiga e também escritora Lygia Fagundes Telles, que recentemente ingressou na Academia Paulista de Letras, lamentou ontem, muito mais que a perda da amiga, "o desaparecimento desta escritora tão consciente e digna, que se dedicou até a última gota de vida ao duro ofício de escrever. E sem ser militante, foi uma pioneira do feminismo no Brasil".

Segundo Lygia Fagundes Telles, "sua aparente fragilidade escondia uma fibra excepcional, que lhe permitiu batalhar contra os preconceitos, contribuindo para que a Academia Brasileira de Letras aceitasse uma mulher em seus quadros".

Também presente para prestar a última homenagem à escritora, a apresentadora de TV Hebe Camargo lamentou o desaparecimento de Dinah "num momento em que a mulher assume uma importância nunca vista na vida brasileira". Hebe revelou que Dinah estava preparando um novo livro, que, com sua morte, assume um ar premonitório. O nome da nova obra seria "O Silêncio do Corpo".

Para o crítico de literatura de O Estado e escritor Ricardo Ramos, Dinah Silveira era uma profissional da literatura. "Das primeiras que tivemos em regime de tempo integral, cronista de rádio, jornal e revista. E com importância, com repercussão, dentro do quadro da ficção brasileira. Desde a sua estreia ao mais recente romance, no ano passado, ela foi uma presença, um perfil, uma constante de autor a ser lida e pensada. E seguirá sendo assim."

A escritora Edla Van Steen também estava pesarosa com a morte da companheira de escrita: "Quero ressaltar a importância de Dinah, que já a partir da década de 30, com a seriedade de seus textos, abriu caminhos para a literatura da mulher brasileira. Se não fosse ela, a produção literária feminina ainda estaria na idade da pedra".

A professora de Literatura Contemporânea na USP, Nelly Novaes Correia, também lamenta a perda da escritora: "Perdemos a presença feminina pioneira na ficção brasileira, porque ela representou, em plena voga do regionalismo, uma preocupação voltada para o drama oculto, por detrás do social.



"O ESTADO DE SÃO PAULO" DO 27.11.1982



Amor às letras e à liberdade

"Com os grãos de café formando os desenhos das letras copiadas do noticiário de O Estado de S. Paulo, que chegava de trem à fazenda de meu tio-avô, no Interior paulista, aprendi a ler e escrever." Essas são as primeiras palavras da escritora ao comentar a eleição que lhe garantiu o direito de ser a segunda mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, em 1990.

"Não podemos nunca esquecer nossa infância — continua — pois naqueles primeiros anos de inocência está a raiz de tudo. Lembro-me que na fazenda do meu tio-avô, Luciano Ribetto da Silva, aprendi a ser escritora e a admirar minha família de bandeirantes, plantadores de café e desbravadores. Aprendi, ainda, a recolher café, assim como os grãos de café, alguns dos enredos que aproveitaria mais tarde. Por isto, na hora em que faço um balanço de minha obra, gostaria de lembrar dos velhos Silveiras, que me ensinaram a ter amor às letras e à liberdade, e aos Ribetros, que me ensinaram a ter amor à terra."



Dinah Silveira de Queiroz toma posse na Academia

07-ABRIL-1951

RIO (FT) — De longo preto, com bordados dourados discreto no decote e nos punhos, toma posse hoje, na cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras, a segunda mulher a ingressar na casa de Machado de Assis, a escritora Dinah Silveira de Queiroz. No seu discurso de posse ela homenageará o patrono da cadeira, Castro Alves, e os ocupantes anteriores, inclusive o jurista Pontes de Miranda, a quem substituirá.

E um discurso longo, de quinze páginas, e Dinah lamenta, apenas, "não ter o dom de transmitir, por inteiro, como Raquel de Queiroz, sua capacidade de ser íntima até na glória". Mas, apesar do detalhe de sua fala, que gostaria que fosse mais breve, a escritora mostrava-se, ontem, muito animada com os preparativos da festa.

Como toda mulher vaidosa, cuidou de sua aparência, nos mínimos detalhes. Como embaixatriz (seu marido, Dario Castro Alves, é embaixador do Brasil em Portugal), acostumada a seguir um protocolo rígido, preocupou-se com os arranjos para que tudo desse certo na cerimônia: passou horas procurando alguém para garantir um som perfeito

"No sábado fiz um teste e achei que o som não estava bom. Como não gostaria de falar alto, mas num tom mais natural possível, resolvi tentar resolver o problema."

Mas, contornado esse detalhe, a festa deverá ser, como Dinah quer, quase perfeita. Para atingir a perfeição, só se fosse realizada no anfiteatro do prédio novo da ABL, como a escritora inicialmente queria. Austrágésilo de Athayde, presidente da academia, convenceu-a, porém, de seguir a tradição da casa e tomar posse no salão principal do "Petit Trianon", o prédio antigo.

O vestido de Dinah foi confeccionado pela mesma estilista que fez o de Raquel de Queiroz, Sílvia Souza Dantas, e o modelo, escolhido por Raquel, deverá ser o mesmo para todas as mulheres que conseguirem entrar para a ABL. Como complemento, apenas o colar de acadêmico. Ao contrário do fardão, que geralmente é oferecido ao novo imortal pelo governo de seu Estado de origem, o vestido das "imortais" é feito sob sua própria responsabilidade. Isso porque, ao contrário do vestido, o fardão é requintado e seu custo muito elevado.

Para comemorar sua entrada na ABL, Dinah está lançando um novo livro, "Guida, caríssima Guida", fruto de três meses de trabalho intenso. O livro, na opinião da escritora, é uma resposta "a certas línguas maldizentes que prejulgam que o escritor, ao entrar para a academia, deixa de produzir".

Na verdade, seria difícil en-

quadrar Dinah Silveira de Queiroz nesse julgamento, já que ela é conhecida como escritora fértil: tem mais de trinta livros publicados, muitos deles editados no Exterior.

"Meus livros foram traduzidos em vários países da Europa, nos Estados Unidos, na Coreia e até no Japão, onde são muito vendidos. No momento, "Margarida la Rocque" — que é o livro da minha preferência — está sendo editada nos Estados Unidos."

Uma das preocupações de Dinah, após entrar para a Academia, será abrir espaço para que mais mulheres possam tornar-se imortais. Ela lembra que foi uma das pessoas que mais lutaram para que a mulher pudesse ingressar na ABL, porque não concorda com qualquer tipo de discriminação.

"Não lutei apenas por mim ou por Rachel, que é minha prima, mas, também, por todas as escritoras de talento, como Lygia Fagundes Telles, Maria Alice Barroso, Nelida Piñon, Henriqueta Lisboa, Wilma Guimarães Rosa e tantas outras."

Aos jovens que pretendem fazer carreira literária, Dinah dá o conselho. "Leiam. Leiam tudo o que há de bom e de mau. Mas, leiam sempre para poderem discernir entre o vulgar e o belo. Não se faz literatura com vulgaridades, mas sim com realidades."

FOLHA DA TARDE



Diário Popular

27

Nov

1982

Morre Dinah Silveira de Queiroz, 2.^a escritora a entrar para a ABL

A segunda mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, a escritora Dinah Silveira de Queiroz, morreu, ontem pela manhã, aos 72 anos, no Hospital Albert Einstein, onde havia sido internada na noite anterior com problemas respiratórios. Do hospital, o corpo da escritora foi trasladado para o Rio de Janeiro para ser velado na Academia Brasileira de Letras.

Casada com o embaixador do Brasil em Portugal, Dario Castro Alves, Dinah Silveira de Queiroz residia em Lisboa. Entretanto, há cerca de dois meses, quando o câncer que

tinha se agravou, Dinah e seu marido vieram para São Paulo, hospedando-se na casa da irmã da escritora, a jornalista Helena Silveira.

Ontem, mais de cem pessoas entre parentes e amigos estiveram no Hospital Albert Einstein para acompanhar a saída do corpo de Dinah Silveira de Queiroz para o aeroporto de Congonhas. Muito emocionada, a irmã de Dinah, Helena Silveira, passou mal no hospital, tendo sido proibida, por seu médico de viajar ao Rio de Janeiro. Helena contou que sua irmã, pouco antes de morrer, fez a descrição completa da

personagem principal de um livro que não conseguiu acabar de escrever: "O Silêncio do Corpo".

PERSONALIDADE

Para a escritora Lígia Fagundes Telles, a morte de Dinah Silveira de Queiroz representa uma profunda perda para a cultura nacional. Lígia definiu Dinah como uma pessoa profundamente mística, generosa, doce, de grande fibra interior e que incentivou a formação de jovens escritores, principalmente no Rio de Janeiro.

Durante todo o tempo em que o corpo de Dinah permaneceu no hospital, Helena

Silveira foi amparada pela apresentadora de televisão Hebe Camargo, que lamentou a morte "da grande escritora e da grande mulher".

Dinah Silveira de Queiroz era prima da escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Dinah — que ocupava na Academia a cadeira número sete que pertenceu ao poeta Castro Alves — destacou-se na literatura com os livros "A Muralha" e "Floradas na Serra". Ela será enterrada hoje, às 10 horas, no Mausoléu dos Imortais, no cemitério São João Batista.

Dinah Silveira na Academia de Letras

RIO — (FT) — Segunda mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, a escritora Dinah Silveira de Queiroz, 70 anos, tomou posse ontem à noite como a sétima ocupante da Cadeira n.º 7 da instituição, definindo-se em seu discurso como uma "escritora católica". Ela foi saudada por Raimundo Magalhães Júnior, que historiou a "luta da mulher intelectual brasileira" nos últimos 100 anos, cujo "saldo é evidentemente favorável, pois culminou com a entrada das mulheres na Academia Brasileira de Letras, que deu, assim, um exemplo para a academia francesa".

Com um vestido idêntico ao

inaugurado por sua prima, Rachel de Queiroz, e já adotado como o traje feminino da Academia, em "jersey" francês verde-musgo, com bordados dourados nos punhos e no decote, Dinah Silveira de Queiroz leu seu discurso de 15 laudas, que pela tradição deve trazer referência ao patrono da cadeira, no seu caso o poeta Antônio de Castro Alves, e a cada um dos seus ocupantes, desde o fundador, Valentim Magalhães, ao mais recente, Pontes de Miranda, passando por Euclides da Cunha, Afrânio Peixoto, Afonso Pena Júnior e Hermes Lima.

A posse de Dinah Silveira de Queiroz na Academia não foi

tão concorrida como a mais recente, do senador José Sarney, embora a escritora tenha reivindicado do presidente Austregésilo de Ataíde que a cerimônia se realizasse no salão nobre do novo prédio, construído ao lado do "Petit Trianon", onde caberia mais gente.

Dinah Silveira de Queiroz possui um programa de ação que pretende desenvolver na Academia: "Promover a entrada de outras mulheres", segundo ela própria declarava. Duas candidatas em potencial, as escritoras Lígia Fagundes Telles e Nelida Pinon compareceram à cerimônia de ontem.